



Bethleem

Não ha muito ainda que um dos maiores homens da França atirava um livro ao mundo, ceivando com elle a medonha labareda da philosophia. Os animos estremeceram, as controversias suscitaram-se, as disputações tomaram um calor intenso; de um lado os tímidos e do outro os resolutos tratavam de definir essa obra, sublime para uns e detestavel para outros. Era a antiga questão dos primeiros seculos dourada e realçada pelos clarões modernos; era o velho atrevimento dos heresiarcas, remoçado e robustecido. O paladim que affrontava o que a humanidade tem de mais caro, que são as crenças que bebeu com o leite e com que o embalsamaram no berço, esse paladim era ja conhecido no mundo pela alteza dos seus feitos, pela vastidão das suas empresas. Em meio dessa cohorte brilhante de Edipos que interrogam o mysterio, levantava elle a cabeça; a sua esphinge era o oriente. Fallamos de E. Renan; o livro era a *Vida de Jesus*. Contra que muralhas se jogava o ariete? que lanço se queria derrubar? Uma convicção de dezenove seculos, doce, meiga, consoladora, que tem enxugado rios de lagrimas, que tem unguido milhares de corações; uma convicção que, pôde não ser uma verdade, mas que tem feito o bello na arte e o bem na sociedade, tal era o que esse livro vinha a destruir, a arrasar. Conseguiu-o? não, de certo. Os livres pensadores pegaram nos estilhaços desse temeroso projectil, e guardaram-nos co-

mo reliquias. Mereciam ellas o rêspeito. Prova-vam muito saber, muita agudeza, muita superioridade de rasão, muita seiva intellectual, muita grandeza de espirito. Esse homem era um philosopho. Vendo-o passar, os intolerantes, os reactionarios, os phariseus e vendilhões do templo, cuspiram-lhe na sombra, como os seus antepassados o haviam feito na face de Christo; os verdadeiros crentes tiraram o chapéo, saudando esse principe da intelligencia, e ao mesmo tempo uniram ao peito o crucifixo. Eis tudo. Esse negar a essencia do mestre nunca podia ser negar a essencia do livro; quando E. Renan acabava de prostrar a magestosa figura do Nazareno, erguia-se-lhe em frente esse livro eterno, o maior de todos, que se chama o Evangelho. Contra essa moral que regenerou o mundo, contra essa caridade que o dulcificou, contra esse amor que se estende desde as creancinhas ate as peccadoras, contra essa esperanza que fez do tumulo um berço e que pôz nos labios da morte um sorriso, contra esse código divino é que ninguem se pôde rebelar. Fel-o um homem ou um Deus? Ajoelhemos ante elle, e bendigamol-o. É dever.

Bethleem, (que em sua etymologia quer dizer *a casa do pão*), é uma pequena cidade da Palestina, na tribu de Juda, a 8 kil. S. de Jerusalem. Foi ahi que nasceu Jesus. Primitivamente tinha ella o nome de Ephrãta (*a fertil*), e hoje possui o de Beit-Lahm. A sua população é de tres mil

habitantes. Bethlehem é para os christãos um dos lugares mais venerandos. Santifica-o o nascimento do grande apóstolo, do piedoso civilizador. No tempo das cruzadas foi ella a sede de um bispo; em 1835, o bairro musulmano foi, ao cabo de uma revolta, completamente destruido por Ibrahim Pachá. Bethlehem está situada no alto de uma collina, cujas encostas, onde as vinhas e as oliveiras são innumeradas, descem até a profundidade dos valles que a circumdam. Do alto da cidade descobre-se á direita o *monte dos Francos*, á esquerda Jerusalem, e em frente as montanhas de Moab. A população de Bethlehem é industrial e agricola; uma parte occupa-se no fabrico de rosários e de cruces, cujo consummo é immenso, e a outra dedica-se ao amanho dos campos. O principal monumento de Bethlehem é a *Igreja de Santa Maria* ou da *Natividade*, cuja edificação, inaugurada por Santa Helena, foi concluida por Constantino no meado do quarto seculo. A igreja é em forma de cruz, e, no estylo, dá a lembrar a basilica romana. Abaixo do altar vê-se uma estrella de marmore que, segundo a tradição, corresponde ao ponto do céu onde parou a estrella dos magos. A gruta onde nasceu Jesus está perpendicularmente debaixo da estrella; é de fôrma irregular, tendo 12 m. de comprimento, 5 de largura e 3 de altura. No interior della ardem de continuo um grande numero de lampadas; no lugar onde a Virgem deu á luz o Messias, lê-se numa lapide o seguinte: *hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est. 1717*. Á direita vê-se o presepe, onde um pedaço de marmore esvasiado em fôrma de berço indica o lugar em que foi deitado o menino. Muitos corredores subterraneos conduzem á *Gruta da Natividade*; ahí se encontra o sitio onde S. Jeronymo passou a maior parte da vida, bem como o seu tumulo, o de S. Eusebio de Cremona, os de S. Paulo e de Santa Eustachia e os dos vinte mil *Innocentes* mandados degolar por Herodes. Foi nesta mesma cidade de Bethlehem que succedeu o idyllio de Ruth e Booz, e a sagração de David por Samuel. Houve tambem na Palestina, na tribu de Zabulon, uma outra cidade com o nome de Bethlehem, da qual já não restam vestigios.

A HYPOTHESE DE PROUT

(Continuado de pag. 91)

VI

E de feito, que cousa mais para espantar, do que uma synthese verdadeiramente grandiosa no meio daquelle furor analytico?

Por isso, era para ver como surgiam de toda a parte gladiadores, que combatiam o ousado inglez.

Aperfeiçoaram-se methodos, destruíram-se incertezas, combinaram-se systemas, determinaram-se novos equivalentes numericos, e provou-se afinal, com toda a evidencia, que a hypothese de Prout era falsa.

A idéa, porém, da unidade e simplicidade da mate-

ria é de si tão grandiosa, e satisfaz tão completamente ao desejo intimo e inquebrantavel que nós sentimos de encontrar por uma vez a clave dessa musica universal, que embala os mundos e preside a todos os cyclos vitaes, que um grande chimico, o sr. Dumas, escreveu em 1859 uma bella memoria para defender o philosopho inglez. Nessa memoria admitto o sabio francez que os pesos atomicos de todos os corpos são multiplos de um corpo, cujo peso atomico fosse igual a um quarto do do hydrogenio, ou, o que é o mesmo, que os pesos atomicos são multiplos exactos do peso atomico do hydrogenio por 1, por 0, 50 ou por 0, 25.

É claro que a nova hypothese não invalidava a de Prout, porque tanto importa que os pesos atomicos dos corpos sejam multiplos do hydrogenio, como de qualquer outro corpo.

A ponderosa opinião de Dumas, um dos homens mais eminentes da sciencia, deu vida nova á hypothese de Prout, á qual acontecera o que acontece no nosso seculo a todas as cogitações, que não tem immediata applicação; foi lançada no limbo, nessa immensa lagôa stygia composta de todos os annaes de todas as academias.

Verdade seja que annos antes um illustre pensador inglez, Grove, tinha escripto um livro sobre a correlação das forças physicas, no qual, defendendo a unidade da força, havia necessariamente de defender ao mesmo tempo a unidade da materia.

Grande voga teve e tem ainda hoje esse livro, e talvez fosse Grove a causa primaria do bello trabalho de Dumas.

Seja, porém, como for, é certo que outra vez, e porventura com mais denodo, se ventilou a eterna questão da unidade da materia, e acudiram ao combate homens de talento e sabedoria, já defendendo, já atacando.

Entre os gladiadores appareceu um, que, como Achilles, parecia ter sido immerso tres vezes nas aguas dormentes, porque se julgou invulneravel.

Em 1860 saíu á luz uma memoria, em que o professor Stas publicou as suas bellas experiencias sobre o azote, o chloro, o enxofre, o potassium, o chumbo e a prata.

Nestas experiencias, extraordinariamente rigorosas, que testificavam a habilidade manipuladora, os vastos recursos intellectuaes, a sagacidade e o grande cabedal scientifico do auctor, mostrou elle «que não existe commum divisor entre os pesos atomicos dos corpos simplicies, que se unem, para formar combinações definidas; e que a hypothese de Prout é inteiramente falsa.»

Tão completa parecia a conclusão, tão bem estabelecidas as premissas, que a questão da unidade da materia, á semelhança de todos os grandes problemas, que são a essencia e a base fundamental da sciencia, não podia ser resolvida experimentalmente, no estado actual dos conhecimentos humanos.

Er isto mesmo veio mostrar um sabio impugnador do profundo Stas.

O sr. Marignac, chimico suiso de grande no-

meada, refutou o sr. Stas, dizendo que tanto os processos analyticos como os syntheticos não eram assás poderosos para demonstrar cabalmente a validade ou invalidade da hypothese de Prout, a qual escapava de arte a uma verificação experimental.

O sr. Marignac não negava a verdade dos numeros alcançados pelo sr. Stas; antes, pelo contrario, mostrava a concordancia delles, com os que anteriormente, posto que por outros processos, acaso menos rigorosos, havia obtido; mas, acrescentava, se por exemplo, e por uma causa qualquer, o nitrato de prata, nas condições mais normaes da sua preparação, não contem os seus elementos nas proporções rigorosas dos seus pesos atomicos, todós os methodos, por exactos que sejam, applicados á sua analyse ou á sua synthese, darão, com a mesma inexactidão, a relação dos seus pesos.»

«Esta é, com effeito, acrescentava o sr. Marignac, a principal causa de duvida que reina no meu espirito, pois ainda ninguem me demonstrou que muitos corpos compostos não contem constante e normalmente um excesso, aliás e indubitavelmente muito tenue, posto que sensível, de um dos seus elementos constitutivos.»

A duvida do sr. Marignac era altamente philosophica, porque versava sobre uma das leis fundamentaes da chimica, qual é a que estabelece a constancia e invariabilidade da relação ponderal entre os elementos, que se combinam.

Esta lei, cujo epitome historico bosquejámos acima, é o unico ponto de osculação entre a chimica e a mathematica, como quem diz, é o elo que prende a sciencia das transformações ás sciencias exactas ou das relações.

Negar esta lei é destruir a chimica, é arrancar-lhe e negar-lhe a feição scientifica e exacta, tirar-lhe uma a uma, todas ás pennas, com que a gralha se pavonea; é reduzir, um dos mais bellos monumentos do poderio intellectual do homem, ás minguidas e estreitas condições de uma arte, a qual, se bem que codificada e methodificada, não seria senão uma colleção de preceitos e regras de manipulação, como a photographia.

A objecção era, pois, muito para considerar e attender, e o proprio sr. Stas apoiou-a judiciosamente, como quem não tem por vezo illudir e evitar difficuldades, por grandes que sejam.

Que a composição de qualquer combinação estavel é constante, ninguem já hoje lhe põe sombras de duvida; mas que as relações ponderaes dos elementos em uma dada combinação, se mantenham, quando entram em outras combinações, esse era o ponto litigioso.

A hypothese de Prout gerára, pois, uma discussão muito fructuosa, importante e proficua, qual era o verificar a verdade de uma lei fundamental. Se esta lei fosse verdadeira, ficava implicitamente negada a verdade da primitiva hypothese.

Era, pois, o caso de dizer: *Adhuc sub judice lis est.*

Escusado é repetir que neste caso, assim como

em todos os que se referem ás transformações da materia, o juiz unico e competente é a experiencia. A ella, a ella só devia, pois, recorrer, em suprema instancia, o sr. Stas.

E assua vez, e com tal acerto, felicidade e presenca se houve, que no dia 14 de julho de 1865, apresentou, perante a Academia belga, diversas memorias em que desfaz victoriosamente todas as duvidas do sr. Marignac.

VII

Contar, ou antes, descrever, posto que resumidamente os enormes trabalhos e os variadissimos processos, que o sr. Stas empregou para resolver o problema, cousa é de si difficil, e sobre difficil inutil, por quanto a maior parte dos leitores não se compraz com estas investigações, em que a sagacidade e a habilidade do operador representam o papel principal.

Apresentar series de experiencias feitas em circumstancias diversas é de certo muito interessante para o homem de sciencia (e esse póde recorrer ás memorias originaes do auctor); mas, para pessoas instruidas, cujo fim principal é seguirem attentas, posto que algum tanto pela rama, os progressos da humanidade na sua lueta com o desconhecido, da humanidade, novo Atlante, que sustenta um mundo no dorso; para esses basta saber que o trabalho do sr. Stas foi concludente.

Dividio o chimico belga a sua memoria, intitulada: *Recherches nouvelles sur les lois des proportions chimiques*, em dois pontos principaes.

No primeiro demonstrou evidentemente a constancia da composição dos corpos estaveis; no segundo a invariabilidade das relações ponderaes entre os elementos, que formam combinações chimicas.

E não contente com ter assentado estes dois pontos fundamentaes, voltou o sr. Stas a determinar, com mais rigor, os pesos atomicos da prata, do iode, do bromio, do chloro, do azote, do potassium, do lithium e do sodium, já por meio de repetidas syntheses, já empregando cuidadas analyses, em guisa de contra prova.

O resultado final destas memorias foi que a hypothese de Prout é completamente falsa, isto é, que não ha relação alguma entre os pesos atomicos dos elementos, pela qual se possa determinar um divisor commum entre elles.

Isto é o que diz a sciencia experimental. Outra cousa, porém, e mui diversa, senão contraria, diz a philosophia scientifica.

Depois do grande movimento philosophico, de que Prout foi um dos iniciadores neste seculo, custa a comprehendere como a natureza tão simples e singela nas suas grandes accões, sempre rythmica, quando o genio do homem, passo a passo e gradualmente, lhe vae descortinando os mysterios, e alevanta uma ponta do véo, que encobre todos os segredos, que ella guarda com mão avara; custa a comprehendere a necessidade de tantas substancias diversas, quaes são as que os chimicos descobrem cada dia, como uma fecundidade, que só é comparavel á dos astrónomos nos seus

continuos achados de pequenos planetas ou planetoides, entre os dois grandes planetas, Marte e Jupiter.

Pois se á proporção que a sciencia vae conhecendo melhor a natureza, a lei harmonica apparece radiosa e brilhante, porque não acreditar na unidade da materia, maiormente depois que a chimica demonstrou a existencia dos corpos *allotropicos* e *isomorphicos*?

Não sera dado conjecturar, com visos sequer de segurança, se o problema da unidade da materia se ha de resolver um dia experimentalmente? Mas se é licito aventar opinião, se é licito comparar o passado com o futuro, tirar alguma conclusão logica, pôde-se dizer affoitamente que este problema só tarde, mui tarde será resolvido, quando porventura a sciencia tiver meios assás poderosos de analyse e de synthese, que nós ignoramos hoje completamente.

Mostrar a unidade de todas as substancias não é cousa que se possa alcançar em um momento de inspiração e felicidade. Para se chegar a derramar luz intensa sobre este ponto tenebroso, é necessario um encadeamento successivo e ininterrupto de estudos e conquistas, e uma direcção altamente philosophica.

Não será logo mais racional proseguir na idéa de Dumas, na classificação dos elementos por familias naturaes, afim de lhes discriminar novos parentescos, novas relações de consanguinidade, se a phrase, por expressiva, é permittida?

Talvez seja possivel encontrar communs divisores entre os corpos agrupados, e teriamos reduzidos a um numero mais limitado de prototypias, o vasto quadro das substancias elementares.

Depois, com ultteriores trabalhos e descobrimentos seria possivel fundir estas prototypias, e após successivas reduções, chegaríamos afinal ao divisor commum de todos os corpos simples.

Dest'arte applicariamos á chimica os processos da arithmetica. Todos sabem que para determinar o divisor commum entre dois numeros, podemos proceder por divisão directa, ou pela eliminação dos factores communs dos dois numeros, e o producto dos factores determinantes é o numero que se pretende.

A sciencia ainda não encarou assim o problema. Deitamos ao vento esta idea; talvez o germen caia em bom terreno e fructifique.

É certo, porém, que a philosophia positiva nem sempre é do agrado dos magnates da sciencia, que fartos e repletos nos seus agapes babilonicos, lançam-se no conjectural e deixam a *folle du logis* bater as azas e voar por esses mundos de Christo, que não veem nos planisphereos.

O sabio, profundo, e respeitado chimico Graham, fallando da constituição da materia, admitte, como hypothese incontróversa, que os atomos chimicos, as massas mais tenues e exiguas nos limites da *mensurabilidade*, são compostas de myriades de particulas infinitesimas, impalpaveis, absolutamente identicas entre si.

Estas particulas denominou as o sabio chimico, *ultimates*.

Na opinião do sr. Graham as ultimates tem movimentos vibratorios, varios de corpo para corpo, o que determina diversos grãos de condensação, dos quaes resultam afinal as propriedades caracteristicas dos elementos.

Para que estes se podessem transmutar, era, pois, necessario e sufficiente modificar os movimentos vibratorios das suas ultimates.

A theoria do sr. Graham é demasiado espiritualista para que possa entrar no dominio das realidades praticas.

O que são, em ultima analyse, as ultimates? Qual a sua natureza? Como modificar os movimentos do invisivel? Como actuar no ether que rodeia estas particulas?

Longe de mim o desplante de criticar, com armas descortezes, a theoria de um sabio de primeira ordem.

A sciencia é um sacerdocio, e a seriedade del-le exige respeito para os pontifices.

É certo, porém, que a theoria do sr. Graham nada adianta, e deixa ficar a questão no mesmo estado.

Este o defeito das hypotheses demasiado especulativas. Mas assim como toda a medalha tem um reverso e um anverso, assim tambem as hypotheses especulativas, se perdem, por se forrarem ao dominio despótico da experiencia, ganham por outro lado, porque resistem a todas as investidas, dado o caso, muito problematico, que alguém se divirta ainda em esgrimir no vacuo, como D. Quixote.

Assim é, que as experiencias do sr. Stas, que foram um verdadeiro *bota abaixo* da hypothese de Prout, não tiveram forças para beliscar sequer as conjecturas do sr. Graham.

As ultimates podem continuar nas suas vibrações anóchronas em eterna beatitude.

O sr. Naquet, escrevendo a proposito das derdeiras memorias do sr. Stas, diz:

«As ultimates, que constituem, provavelmente, os atomos chimicos, pôdem ser de uma tenuez ultra-imaginavel. Supponhamos que o atomo de hydrogenio contem 1,000 destas particulas; o oxigenio conterá 15,960, e os resultados do sr. Stas serão explicados, e a hypothese da unidade da substancia não haverá perdido a minima cousa.»

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ANTIGA CASA DA CAMARA DE OXFORD

Oxford, é uma pequena cidade da Inglaterra, entre Cherwell e Isis, a oitenta kilometros de Londres, e capital do condado do mesmo nome. A sua população eleva-se apenas a vinte e um mil habitantes, e as industrias, não só ali como em todo o condado, nenhum desenvolvimento tem tido. É, talvez, neste ponto, o lugar menos importante da Grã-Bretanha. Não obstante, Oxford gosa de muita celebridade, pelo grande numero de escolas, e vastas bibliothecas, que contem, e pela sua antiga e magestosa universidade, que, segundo alguns escriptores, foi fundada no deci-

mo seculo, e que é frequentada todos os annos por um grande numero de estudantes.

Entre as escolas de Oxford notam-se, como principaes, St. John's, Christ-Church, Trinity, Queen's, New-College, All-Souls; das muitas bibliothecas, citaremos apenas a Bodleiana, que possui mais de duzentos mil volumes e vinte e cinco mil manuscritos, e a de Radcliffe, magnifico e elegante edificio, construido no centro de uma praça formada por dois collegios, varias escolas publicas, e a igreja de Santa Maria. Este ultimo edificio deve-se ao sabio e rico medico, João Radcliffe, o qual, alem das grandes sommas que legara a institutos pios e scientificos, deixou tambem a de quarenta mil libras para a compra do terreno e construcção do edificio, com libras por anno para a compra de livros, e cento e cincoenta para ordenado annual do bibliothecario.

A cidade de Oxford foi tomada de assalto, em 1067, por Guilherme, o conquistador, e servio

por muito tempo de residencia real; ali foram redigidas, em 1258, as *Provisões* ditas de Oxford. Durante a guerra civil, Carlos I tambem para ali se retirou.

A antiga casa da camara, que a nossa gravura representa, é notavel, unicamente pelo seu risco singular, pela disposição das suas janellas, e, enfim, pelo portico da entrada, que forma um contraste exquisito com o resto do edificio.

Todos podemos adiantar no caminho da virtude; mas nem todos queremos.

SENECA.

Se a virtude tivesse a energia do crime, pouco durariam os tigres sobre a face da terra.

PLINIO



Antiga casa da camara de Oxford

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

III

(Vid. pag. 76)

«La jeune captive» de André Chénier

Voltemos agora um pouco atraz, afim de entrarmos finalmente no modesto episodio que temos abandonado um tanto para cedermos a fascinação, que sempre no nosso espirito exerce este grande quadro das guerras da Republica, e reportemo-nos á noite invernal, em que o regimento de Olivença, formando ao lado das tropas hespanholas, entrava, extenuado de dois combates successivos, nas ruas de Collioure. Como dissemos, reinava uma confusão indescriptivel; a entrada das tropas alliadas ainda augmentou essa confusão. D. Gregorio de la Cuesta ordenára a alguns dos regimentos hespanhoes que fossem tomar posse dos fortes, e, fiel ao systema dos nossos alliados, que consistia em sobrecarregar de serviço as forças portuguezas, deu ordem ao coronel Ernesto Frederico de Werna que um seu regimento fizesse o serviço nocturno da pequena cidade de Collioure, distribuindo-o em fortes patrulhas que mantivessem a ordem nas ruas, contendo a população amotinada, e velando pela segurança do corpo de exercito.

A testa de uma dessas patrulhas, caminhava um joven alferes de granadeiros, rapaz alto, vestindo com elegancia a farda, mostrando no rosto moreno e sympathico a altivez bem natural num moço que supportou heroicamente durante quinze dias as provas do fogo em batalhas successivas, e relanceando para todos os lados os olhos vivos e intelligentes, com a curiosidade de quem subitamente se vê transportado do paiz sereno e pacato de Portugal para esse Vesuvio em plena erupção que se chamava França.

Fechavam-se as portas por onde quer que elles passavam; os habitantes, uns, jacobinos exaltados, temiam a punição dos excessos praticados, outros opprimidos pelos sicarios da guilhotina, mas francezes de coração, não podiam ver de olhos enxutos o estrangeiro, pisando vencedor e altivo, a terra sagrada da patria. Só alguns realistas exaltados, em cujo espirito os odios partidarios sobrelevavam ao patriotismo, corriam ao encontro das patrulhas, e, fundando-se na proclamação que o general Ricardos espalhára quando invadira a França, proclamação em que elle se annunciava como o defensor do throno de Luiz XVII, davam clamorosos vivas ás tropas alliadas, ao rei de Hespanha, e á rainha de Portugal. Devemos, contudo, confessar que o joven alferes de granadeiros, em vez de acolher com agrado esses transfugas, desviava-se delles seccamente, e aos seus calorosos protestos respondia com um silencio desdenhoso, como se não entendesse a lingua franceza.

Contudo, o incidente que vamos narrar mostrou que não era real essa ignorancia.

Um official republicano appareceu na extremidade de uma rua, e, dirigindo-se ao encontro da

patrulha, disse tranquillamente ao nosso compatriota:

— Senhor official, queira acceitar a minha espada. Segundo as condições da capitulação, assignada pelo general Delattre, as tropas da Republica, que defendiam Collioure, são prisioneiras do exercito hespanhol. Faço parte dessas tropas, estou, por conseguinte, comprehendido na capitulação, e venho render-me.

— Senhor official, disse cortezmente e em puro francez o alferes de granadeiros de Olivença, não faço prisioneiros depois da batalha. Da capitulação assignada só me constou que cessára o fogo, e que os nossos inimigos de ha pouco passavam a ser nossos irmãos. Portanto, se lhe apraz, entre na primeira casa que se lhe deparar, dispa o uniforme, vista um fato paisano, e vá caminho de Perpignan levar a noticia da capitulação de Collioure ao general Doppet. Se nos encontrarmos no campo da batalha, e se eu o poder fazer prisioneiro, continuou o alferes de Olivença rindo, creia que terei muito gosto em me aproveitar então da sua amavel companhia.

— Com a bréca! está enganado; já o não desamparo. Os homens de espirito são raros, e ser-se prisioneiro de um desses poucos é quasi tão agradavel como ser-se escravo de uma linda mulher, principalmente se essa linda mulher fôr Theresza Cabarrus, que está em Bordeus fazendo andar a cabeça á roda ao nosso proconsul Tallien. Mas, continuou o official republicano com uma seriedade commovida, creia que me tocou profundamente a sua delicada generosidade, mas por isso mesmo não devo acceital-a. Bati-me enquanto pude; se não cessasse o fogo, em virtude da capitulação, teria ficado estendido ali á porta da cidade com vinte dos meus camaradas. Devo supportar-lhe as consequencias rigorosas da mesma forma que lhe acceitei os beneficios. Se o general Delattre seguisse o exemplo que deu o anno passado a todos os patriotas Beaurepaire, o glorioso defensor de Verdun, tel-o-hia imitado com jubilo, e morreria cantando a *Marselheza*. Não succedeu assim; parece um máo fado perseguir o exercito dos Pyrenéos Orientaes. Paciencia! Não procurarei esquivar-me á sorte que fere igualmente os meus camaradas. Vamos, meu caro inimigo, continue a sua patrulha triumphal, o seu prisioneiro o acompanha.

E, pondo a espada debaixo do braço, o official francez collocou-se ao lado do alferes de Olivença e ambos continuaram a percorrer as ruas de Collioure, conversando tão amigavelmente, como se momentos antes não fossem capazes de rachar a cabeça um ao outro, se se encontrassem no campo da batalha.

Não tinham dado vinte passos e já se conheciam intimamente. Chamava-se o alferes portuguez Gaspar da Silveira e era bastardo do marquez de *** O official francez chamava-se Paulo Deschamps, e andava estudando jurisprudencia quando rebentou a revolução. Leitor mais assiduo de Voltaire e de Rousseau do que de Cujas e de Bar-

tholo, no dia 14 de julho fez a sua estreia de advogado, orando às turbas como Camillo Desmoulins, debaixo dos castanheiros do Palais-Royal, e vendo que seu pae, membro dos mais fogosos do parlamento de Pariz, promotor da reunião dos Estados-Geraes, mas que ficara aterrado sentindo brotar uma revolução, um cataclysmo social do sulco onde julgára apenas, quando muito, lançar as sementes de uma nova Fronda, como seu pae, dizemos nós, se mostrou muito pouco entusiasmado com a estreia de seu filho, Paulo Deschamps disse adeus definitivamente ao Foro, foi applaudir Mirabeau, a quem seu pae chamava «Suppôt de Satan», e quando se fallou em guerra; sentou praça nas cohortes de Lafayette, correu às fronteiras do norte, deixou o seu general emigrar, seguiu as phalanges de Dumouriez às Ardennas, foi feito alferes em Valmy, levou uma bala em Jemmapes que o teve suspenso entre a vida e a morte durante o resto do anno de 92, quando soube em 93 dos perigos da republica, tornou, ainda mal curado, para o exercito do Rheno, foi feito capitão em Moguncia, enviado para a Vendéa, donde conseguiu, pelos muitos rogos que dirigira a Kléber, obter passagem para exercito que tivesse de combater estrangeiros, e chegara aos Pyrenéos-Orientaes a tempo de tomar parte nas derrotas que o habil Ricardos infligira aos republicanos.

Gaspar da Silveira ouviu com espanto esta Iliada, de que não tinha a minima idea. Elle entrara simplesmente como cadete no regimento de Olivença, na sua qualidade de bastardo de marquez obtivera a patente de alferes, como esperava obter a patente de capitão, e depois a de coronel, se Sua Magestade houvesse por bem conceder-lhe um regimento. Ideas politicas não as tinha; professava um respeito tradicional pela realza, e estaria prompto para dar o seu sangue pela pobre Maria Antonieta prisioneira no Templo. Avaliava todos os republicanos pela bitola de Marat, e não ficou pouco espantado vendo um desses bebedores de sangue professar, juntamente com o maior desdem pelos thronos e o maior entusiasmo pela liberdade, a mais calorosa sympathia pelos infortunios dos reis de França.

Não pôde elle deixar de manifestar o seu espanto, e Paulo Deschamps respondeu-lhe com certa melancolia:

— Caia a reprovação da posteridade, meu caro inimigo, sobre os monstros ignobeis que teem dado á Europa uma idéa falsa da nossa revolução, regeneradora da humanidade. Não! os verdadeiros republicanos odeiam esse Marat, coroado pelo populacho, que tripudiava sobre o cadafalso, monstro de que nos livrou a gentil Carlota Corday, mas cuja memoria sanguinosa maculará no futuro as paginas gloriosas da nossa epopea revolucionaria. Ah! se a Europa nos deixasse um momento de descanso, iriamos todos os que luctamos com o estrangeiro, levando á nossa frente Jourdan, Hoche, Kleber e Mareau, derrubar a guilhotina infame. Não podemos; a patria amea-

çada pelo despotismo reclama os nossos braços, e é necessario unirmo-nos todos em torno dos homens que representam a França, e que, ainda que estejam cheios de crimes, teem, pelo menos, energia bastante para comprimirem as facções, e decretarem a victoria. Venha a paz, possa resplandecer desaffrontada a luz da liberdade, e os Robespierres, os Collot-d'Herbois, os Couthon desaparecerão como aves nocturnas, como ignobeis morcegos assustados pelo esplendor.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

OBRAS INEDITAS

II

Tradução da Eneida por Leonel da Costa

Se eu houvesse de dar noticia de todas as obras importantes, e ainda não publicadas, de que tenho conhecimento, espalhadas por diversas terras do reino, poderia encher volumes. Mas não tendo, por enquanto, tencão de tal, irei a pouco e pouco dando informação de algumas no *Panorama*: podendo os curiosos para maiores esclarecimentos dirigir-se a seus possuidores.

Diz nos o sr. Innocencio Francisco da Silva que o autographo desta traducção existia no Porto, nos fins do seculo passado, em poder do medico Antonio Francisco da Silva, (1) e que viera parar finalmente ás mãos de Ricardo Raimundo Nogueira, offerecido ao governo pela viuva do referido medico, com a condição de ser concedida a excepção do serviço das milicias a um seu sobrinho, e remata perguntando: — Onde existirá agora aquelle autographo?

Ignoro-o por enquanto; mas ainda não o reputo perdido. Uma copia delle existe, porém, actualmente, (2) em poder do sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, bem conhecido livreiro editor, e proprietario do *Jornal do Porto*.

Esta copia foi, sem duvida, tirada nos principios do corrente seculo; e acha-se em excellent estado de conservação. Consta de dois volumes em folio, contendo os seis primeiros livros da Eneida.

Traduziria, Leonel da Costa, somente estes dois livros, ou chegaria somente a copia até aqui? Também ainda o não sei: mas ulteriores informações alguns esclarecimentos me hão de dar.

O titulo da obra é o seguinte:

«A Eneida de Virgilio. Traduzida do Latim em verso Portuguez com a explicação á margem dos lugares mais importantes e escuros, histórias e fabulas que o Poeta toca. Autor Leonel da Costa Luzitano, natural da muito nobre e sempre leal villa de Santarem.»

Consta esta traducção:

1.º Elogio sobre as partes e excellencias do Poeta.

2.º Ao leitor.

3.º Traducção.

Esta traducção é acompanhada de muitas e extensas notas.

Pelos primeiros versos desta versão se poderá fazer uma idéa della.

(1) Diccionario Bibliog. vol. 5. pag. 176.

(2) Fevereiro de 1867.

As armas e o Varão insigne canto
 Que sendo fugitivo pelo fado
 Primeiro das Regiões da antiga Troia
 Chegou à Italia, e praias de Lavino;
 Elle nas terras foi mui perseguido
 E por força dos Deoses, no mar alto,
 Por amor do furor lembrado sempre
 Da fera Juno: também muitas couzas
 Soffreo na guerra até que edificasse
 A Cidade, e metesse em Lacedo os Deoses
 Donde procede a geração Latina
 Donde os Padres Albanos, e altos muros
 Da famoza, soberba e altiva Roma.
 Conta-me ó Muza, tu, as couzas todas
 Em qual de seus poderes offendido,
 Ou porque rasão Juno dos supernos
 Deozes, Rainha, dando-se queixoza,
 Constrangesse a volver tantos successos,
 E a soffrer, e passar tantos trabalhos
 O Varão em piedade insigne e grande
 Taes iras ha nos animos celestes!
 Houve ja noutro tempo huma Cidade
 Antiga, cujo nome foi Carthago,
 De Tyro os moradores a habitarão
 Bem de frente de Italia, e das entradas
 Do Tibre, de riqueza abundante
 E nos cuidados e exercicios bellicos
 Asperrima, a qual só dizem que Juno
 Habitou, estimando-a mais que todas
 Sendo posta em segundo lugar Samo
 Suas armas aqui, aqui seu carro
 Esteve, e ja d'então pretendeo a Deoza
 Que esta Cidade seja Reino as gentes
 Se os fados o concentem de algum modo:
 Mas porque tinha ouvido que do sangue
 Troiano a geração descenderia;
 Que em algum tempo os muros de Carthago
 Por terra derrubasse, e que da mesma
 O Povo grande Rei soberbo em guerra
 Viria em destruição da Lybia ardente
 Assim as feras Parcas o volvião;
 Isto temendo a filha de Saturno
 E, lembrada também da guerra antiga
 Que primeiro, pelos amados Gregos
 Ella junto de Troia tinha feito
 Nem ainda se lhe tinhaõ da memoria
 Cahido as cauzas dos furores bravos
 Nem as dorés crueis: ficálhe impresso
 Reposto dentro da profunda mente
 De Paris a sentença e o aggravo grande
 Da sua desprezada formuzura
 E aquella geração aborrecida
 E as honras do roubado Ganimedes.
 Incendida sobre estas cousas todas,
 Longe de Italia a os Teucros affastava
 Desgarrados por todo mar, reliquias
 Dos Gregos, e de Aquilles inhumano
 E constrangidos pelos duros fados
 Andavão ao redor dos mares todos
 Errados por espaço de annos largos.
 De tanto pezo, e tão difficulতো
 Era construir de Roma a gente
 Escaçamente a vista da ribeira
 E terras da Sicilia alegres davão
 As vellas ao mar alto e dividião
 As espumas do mar com ferrea pròa.
 Quando Juno no peito conservando
 A ferida immortal eternamente
 Estas couzas consigo assim dizia:
 He por ventura licito vencida
 Dezistir do negocio começado?
 Nem poder desviar da Laia terra
 Dos Troianos o Rei? Sou certamente
 Tothida e prohibida pelos fados
 Não pode por ventura a Deoza Pallas
 Dos Gregos abraçar a grande frota?
 E os mesmos afogar no mar profundo?
 Pela culpa de hum só, pelos amores
 De Ajax filho de Oileo! Ella das nuvens

De Jupiter o raio mui ligeiro
 Arremeçauo, as Naos espalhou todas,
 E os mares revolveo com tempestades:
 Hum pé de vento arrebatou ao triste
 Flamas lançando, traspaçado peito
 Deo com elle n'hum penedo agudo
 Mas eu, que sou dos Deozes a Rainha,
 Juntamente mulher, e irman de Jupiter
 Com hum só povo, trago tantos annos
 Guerras! E quem depois a gram Deidade
 Adorará de Juno: ou nos altares
 Humilde lhe porá o Sacrificio?
 Estas taes couzas no inflammado peito,
 Com sigo revolvendo a Deoza Juno
 Se vai a Eolia Patria das tormentas (1)
 Lugares prenes de furiozos ventos;
 O Rei Eolo aqui na larga cova
 Os ventos, que poem força resistindo
 E as bravas e soantes tempestades
 Reprime com imperio, e com cadeia,
 Os refreia no carcere, e masmorra:
 Elles bravos com grande rumor e do monte
 Ao redor das prizões, furiozas bramão
 Está sentado Eolo na alta rocha
 Tendo o Setro na mão, e abranda os brios
 Tempera as iras, se elle o não fizera,
 Levarião por certo arrebatados
 Com sigo mares, terras e Ceo alto,
 E pelos ares tudo arrastarião:
 Porem o Padre Todo Poderozo
 Isto temendo, o encerrou em covas
 Obscuro, e lhe poz em cima grande
 Machina levantados, e altos montes
 E lhes deo Rei, que, com Lei certa e justa
 Só mandado soubesse refreal-os
 E largarthe a seu tempo as frouxas redeas.

M. BERNARDES BRANCO.

UMA OBRA DO SECULO IX

Chronicon albedense

(Vid. vol. I pag. 392)

Constantino, o Moço, reinou XVI annos. O já citado Reeesvinto, III annos. Wamba, IX annos. Hervigio V, e sobreviveu II annos e XV dias.

Justiniano, reinou XI annos. O já nomeado Hervigio II. Ejica IX, e sobreviveu VI.

Leão, reinou VII annos. Ejica occupou o throno de Spania VI. Depois d'elle, seu filho Witiza I.

Tiberio, reinou VIII annos durante o governo de Witiza.

Roderico, reinou III annos. N'aquelle tempo os Sarracenos apoderaram-se de Spania, e estermi-naram os Godos deste reino na Era DCCLII.

ORDEM DOS REIS GODOS

II. Atanarico, o primeiro dos Reis Godos, reinou XIII annos. Foi elle também o primeiro que, com toda a nação, abraçou a heresia Ariana por influencia do Imperador Valente. No seu reinado, os Godos começaram a ter leis e litteratura, e foram com elle mesmo arrojados do seu paiz natal pelos Hunos. O Rei morreu em Constantinopla sendo imperador Theodosio.

(Continua)

(1) Na copia acha-se *dos tormentos*.